



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13111 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)
 ISSN: 2447-2808
 GT13 - Educação Fundamental

Os saberes-fazer narrados e tecidos na potência do cotidiano como possibilidade de formação docente

Marcia Oliveira Maciel Franco Reis - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Erica da Silva Teixeira Ferreira - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Izabel Cristina Costa de Faria - UERJ - FEBF - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Os saberes-fazer narrados e tecidos na potência do cotidiano como possibilidade de formação docente

Resumo

O trabalho discute a formação docente enquanto processo contínuo, coletivo e cotidiano nos *espaçostempos* escolares e que envolve *teoriaprática* indissociável. Entendendo o cotidiano como espaço complexo onde circulam saberes imensuráveis, investigamos a formação docente entre as miudezas que brotam no fazer coletivo e na imprevisibilidade que nos convoca à reinvenção diária. *Epistemopoliticometodologicamente* nos ancoramos na pesquisa narrativa propondo desinvisibilizar saberes que emergem do *fazerpensar* das professoras de Educação Básica, entendendo o processo formativo como complexo, polifônico, não-linear e permanente.

Palavras-chave: Pesquisa Narrativa, Formação Docente, Cotidiano Escolar.

Primeiras linhas

A formação docente vem sendo discutida amplamente no que se refere aos saberes construídos na formação inicial e continuada. Ainda é crença de alguns que a melhoria da ‘qualidade’ do ensino seja só responsabilidade docente. Tal convicção, por desinformação ou propósito, apregoa que nós, docentes, necessitamos de constantes treinamentos que nos

preparem para a sala de aula, como se fôssemos meros 'aplicadores' de conteúdos (OLIVEIRA, 2013). Tal discurso permeia e cria políticas públicas que invisibilizam o trabalho docente e os saberes tecidos segundo um *fazerpensar*^{III} (ALVES, 2003) que é imbricado.

Esta pesquisa objetiva exercitar o não desperdício das experiências (SANTOS, 2004) *singularessociais* docentes (REIS, 2022), narrando o vivido na potência dos cotidianos escolares onde atuamos, crendo nas aprendizagens e na construção de saberes como tessitura coletiva e plural que nos convoca a dialogar com os saberes científicos/hegemônicos entendendo teoria e prática como eixos articulados.

Zig, zag... formação docente e as histórias de si

Existem três forças formadoras do indivíduo baseadas nas histórias de vida (PINEAU, 2014): a heteroformação que se dá na interação com o outro, a ecoformação que acontece pela intermediação com o meio e a autoformação que surge na interseção entre a hetero e a ecoformação, dependentemente, e diz respeito ao movimento contínuo de tornar-se autônomo em relação ao próprio processo formativo.

Por ser uma experiência relacionada ao desenvolvimento do ser de forma permanente, molda nossas estruturas, nossas formas (c.f. PINEAU, 2014) - o "ser vivo não resolve os seus problemas adaptando-se, ou seja, modificando a sua relação com o meio, mas, sim, modificando-se a si próprio" (SIMONDON, 1964 apud PINEAU, 2014, p. 93). Entendida como ação contínua, constante e plural, é marcada pelos atravessamentos que experienciamos na/pelas trocas com as outras pessoas, com o mundo e com nós mesmos. Assim, "todos os aspectos da vida das professoras são importantes, ou seja, não há irrelevância nas discussões que traçamos, tudo o que dizem faz parte do que são e do que consideram importante narrar" (REIS, 2014, p.137). Ao contarmos nossas histórias, não desperdiçamos nossas experiências e criamos oportunidades de conhecer a nós, ao mundo e aos outros, valorizando os saberes construídos nas interrelações tecidas no decurso de nossas *vidasformação*.

Formar a si, então, "é tomar em mãos [o poder de formação] - tornar-se sujeito -, mas também é aplicá-lo a si mesmo: tornar-se objeto de formação para si mesmo" (PINEAU, 2014, p.95). É parte do processo de se tornar autônomo através da possibilidade de diferenciação, de reflexão e de emancipação.

Nossas histórias servem de pistas para refletirmos e investigarmos nosso próprio processo formativo, pois podemos (re)significar o vivido a partir das multiplicidades de vozes que nos habitam, sonhar futuros e caminhos outros. Nossas narrativas são, ao mesmo tempo, caminhar e caminho, método e interesse de pesquisa.

A autoformação docente não acontece como um fenômeno isolado, mas dependente das redes de conhecimento que formamos (PINEAU, 2014; REIS, 2014), visto que "ninguém educa a si mesmo", nos educamos em comunhão (c.f. FREIRE, 1987, p.79).

Reconhecendo a potência do cotidiano e do compartilhamento do saber da experiência, trazemos uma narrativa para fomentar discussões sobre formação docente, a partir do conceito de autoformação proposto por Pineau (2014), buscando desinvisibilizar os saberes tecidos no percurso de nossas *vidasformação* (BRAGANÇA, 2012).

Retalho - Quando me questionam sobre a minha formação é impossível não mencionar as crianças, as famílias e as amigas professoras que me afiam e afinam cotidianamente, pois me fazem refletir e compreender minha prática no palco do cotidiano que dividimos diariamente. Como um metal que desliza – com certo vigor, inclusive – sobre o outro e vai trazendo aos poucos um refinamento no fio de corte, cada um dos atores da escola nos forma de alguma maneira. Muitas vezes é o atrito, o desconforto, o inesperado que nos faz buscar estratégias para repensar nossos fazeres. Eu era uma menina no início da profissão. Saía com a minha pastinha cheia de “trabalhinhos” planejados com tanto capricho. Idealizava momentos junto aos estudantes e jurava que aquela seria a melhor das aulas. Voltava descabelada, frustrada e com um enorme sentimento de incapacidade. Não aprendi a ouvir os silêncios, as pausas e os sussurros ensurdecadores das crianças nos livros. A sensibilidade que se constrói à altura do cotidiano não se mensura e nem sempre se traduz na fala. Da professora que voltava para casa angustiada surgiu alguém que entendeu a potência da construção coletiva, do saber que emerge do fazer e a incalculável riqueza que há nas entrelinhas da experiência. Hoje, ainda não sou a professora que gostaria de ser, mas uma certeza tenho: já não sou mais quem eu era há vinte anos, no início da profissão. Coleciono histórias como quem guarda um tesouro particular. Revisito minhas memórias e as compartilho como quem divide um pouco da riqueza que sabe que tem. Como uma grande colcha de retalhos muitas vezes me perco e me questiono se aquele retalho era meu ou se foi costurado por alguma colega que também divide sua experiência nos coletivos dos quais faço parte. Assim vem sendo tecida a minha formação: coletiva, cotidiana e potente!

Alinhavando os retalhos, tecendo (in)conclusões

Pensar a autoformação a partir das experiências narradas por nós professoras da educação básica, possibilitou revisitar histórias e acontecimentos cotidianos. Percebemos que esse movimento que busca recriar lembranças envolve a seleção de fatos que consideramos relevantes. Como potencializamos sentidos (CERTEAU, 1994), nossas escolhas quanto aquilo que narramos sempre será parcial e arbitrária.

Valorizar diferentes saberes, perspectivas e linguagens que nos chegam através das histórias narradas que nos atravessam e afetam é buscar tecer conhecimentos coletiva e localmente e de forma implicada. Pequenos fragmentos de esperança nas infinitas possibilidades de criação de mundos mais igualitários e fraternos.

Assim, não nos abstermos de nossa responsabilidade ética com o mundo e com as pessoas que o habitam. Nossas *pesquisasdiscursos* assumem compromisso com o outro a partir de um interesse genuíno pela escuta e pelo diálogo, entendendo que somos diferentes e

que a diversidade, ao contrário do que querem nos fazer crer, é o que faz com que os/as estudantes que atravessam nossos caminhos possam, de alguma maneira, compreender o mundo sob uma perspectiva mais inclusiva e, portanto, mais democrática e mais feliz.

Referências

ALVES, Nilda. Sobre movimentos de pesquisa nos/dos/com os cotidianos escolares.

TEIAS: Rio de Janeiro, ano 4, nº 7-8, jan/dez 2003.

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. (orgs.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes*. Petrópolis: DPetAlli, p. 39-48, 2008.

BRAGANÇA, Inês. Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012, 312 p. Disponível em <https://books.scielo.org/id/f6qxr/pdf/braganca-9788575114698.pdf>. Acesso em 26 de março de 2023.

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

OLIVEIRA, I. B. . Currículos e pesquisas com os cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos pensados/praticados pelos praticantes/pensantes dos cotidianos das escolas. In: Carlos Eduardo Ferraço e Janete Magalhães Amorim. (Org.). *Currículos, Pesquisas, Conhecimentos e Produção de Subjetividades*. 1ed. Petrópolis: DP et Alii Editora Ltda., 2013, v. , p. 47-71.

PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso de vida: entre a hetero e a ecoformação. In: O método (auto)biográfico e a formação. Orgs. António Nóvoa, Mathias Finger. Trad. maria Nóvoa. Natal: EDUFRN, p.91-109, 2014.

REIS, Graça. Por uma outra Epistemologia de Formação: Conversas sobre um Projeto de Formação de Professoras no Município de Queimados. Tese de Doutorado. RJ: UERJ, 2014. 196f.

REIS, Graça. OLIVEIRA, Inês. Aprendizagens coletivas e ecologia de saberes: as rodas de conversa como auto-formação contínua. In: SAMPAIO, Carmen; RIBEIRO, Tiago; SOUZA,

Rafael de (org.). *Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?* Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. p. 65-91.

REIS, Graça. *Singularsocial*. In: REIS, G. R. F da S.; OLIVEIRA, I. B. de; BARONI, P. *Dicionário de pesquisa narrativa*. Rio de Janeiro: Ayvu, 2022.

SANTOS, B. S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, B. S. (org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as Ciências revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 777-821.

[1]

Optamos por utilizar o princípio da juntabilidade das palavras (ALVES, 2008) para afirmarmos nossa posição contrária a lógicas dicotomizantes e comunicar um sentido outro distinto daquele atribuído ao original.